



ENTREVISTA COMPREENSIVA: POSSIBILIDADES DE APROXIMAÇÃO COM O PENSAMENTO COMPLEXO

Rosimeyre Vieira da Silva, IFPI, rosimeyrevieira@ifpi.edu.br, Joselma Ferreira Lima e Silva, IFPI, joselmalavor@ifpi.edu.br.

Resumo

No presente artigo apresentamos em síntese os princípios teórico-metodológicos que fundamentam uma investigação realizada no âmbito do Mestrado em Educação na Universidade Federal do Piauí, justificando nossa opção metodológica pela Entrevista Compreensiva (KAUFMAN, 2012; SILVA, 2006, 2012) e pela teoria da complexidade (MORIN, 1996, 2000, 2001), como um olhar diferente sobre os fenômenos e realidade que envolveu nosso objeto de pesquisa. A metodologia da Entrevista Compreensiva aponta para necessidade de estudo consistente para entendimento e fundamentação em termos dos pressupostos da abordagem e da teoria da complexidade, rompendo com a ideia primária sobre pesquisa e método, como um simples conjunto de passos e etapas a serem seguidos. Mediatizado pelos princípios teóricos metodológicos da Multirreferencialidade (ARDOINO, 1998), Escuta Sensível (BARBIER, 1998, 2007) e Artesanato Intelectual (MILLS, 1982), tendo o discurso oral como unidade de análise, no desvelamento da compreensão sobre a articulação ensino e pesquisa de dez docentes que atuam nos cursos de licenciatura do Instituto Federal do Piauí.

Palavras-chave: Educação. Entrevista Compreensiva. Teoria da Complexidade

1 Introdução

Os caminhos percorridos na investigação científica foram desafiadores considerando que, como pesquisadoras sentimos a necessidade de produzir conhecimento, rompendo com a ideia primária sobre pesquisa e método, como um simples conjunto de passos e etapas a serem seguidos. Neste aspecto nos envolvemos com pensamento de Morin (2001, p. 31) ao expressar: “... o conhecimento é a navegação em um oceano de incertezas, entre arquipélagos de certezas”. Compreender os pressupostos dos modos de investigação que orientam a produção do conhecimento tornou-se fundamental no processo de reflexão e esclarecimento sobre nosso objeto de pesquisa e resposta as nossas inquietações.



Neste artigo apresentamos os princípios teórico-metodológicos que fundamentam uma investigação realizada no âmbito do Mestrado em Educação na UFPI, justificando nossa opção metodológica pela Entrevista Compreensiva e pela teoria da complexidade como um olhar diferente sobre os fenômenos e realidade que envolve nosso objeto de pesquisa.

Somos conscientes de que discussões envolvendo a Educação devem estar diretamente associadas a construção ou transformação da sociedade. Contudo, também, somos sabedoras dos desafios envolvidos na formação dos atores/autores que a formam, pois são sujeitos sociais, capazes de refletir e ter uma atividade deliberada, consciente de que tanto eles próprios quanto a sociedade são instituídos pelos homens, e que, por este motivo, a sociedade apresenta a possibilidade de ser (re) criada como uma sociedade autônoma, permanentemente instituinte (CASTORIADIS, 1982). A esse respeito o referido autor justifica:

Queremos indivíduos autônomos, isto é, capazes de uma atividade refletida própria. Contudo [...] os meios e os objetos dessa atividade, e mesmo [...] seus meios e métodos só podem ser fornecidos pela imaginação radical da psique. É aí que se encontra a fonte de contribuição do indivíduo à criação social-histórica. E é por isso que uma educação não mutilante, uma verdadeira Paidéia é de uma importância capital. (CASTORIADIS, 1982 p.160-161).

Pensamentos e idealizações desta natureza nos impulsionam a reflexões diárias *na e sobre* nossa ação educativa. Nesse espaço reflexivo, caberia indagar acerca, por exemplo, de quantas ou quais necessidades formativas, e competências são ainda necessárias aos docentes para uma atuação consciente que possibilite a construção de uma sociedade autônoma?

Nessa perspectiva, discussões envolvendo a construção do conhecimento e mais precisamente, a prática docente, emergem continuamente como exigência no campo da Educação. E nos debates atuais, a docência na formação de professores configura-se como uma prática não mais baseada na racionalidade técnica, que considera os docentes como meros executores de decisões tomadas por outros, mas sim, numa perspectiva que os reconhece pela capacidade de decidir sobre suas ações, refletir sobre suas práticas e produzir conhecimentos.



Considerando toda esta contextualização inicial pode-se afirmar que estivemos envolvida com o objeto de investigação, na medida em que nossos sentimentos, concepções e ações eram compartilhados com nossos interlocutores, pois partilhávamos situações em relação à cultura institucional. E, assim, na busca por um método que considerasse os aspectos relacionados à reflexividade dos indivíduos em sua condição social e individual, nos encontramos com a Entrevista Compreensiva.

Optamos pelas orientações e pressupostos da Entrevista Compreensiva por acreditarmos que esta seria capaz de nos fornecer a compreensão da multiplicidade de olhares que os professores do Instituto Federal do Piauí - IFPI atribuíam ao ensino e à pesquisa, considerando existir nesse contexto a necessidade de um olhar também transversal na busca pelos sentidos dados pelos docentes, sabendo-se que neles reside um conjunto de significações que ultrapassam os conceitos.

A âncora que sustenta esta metodologia é o discurso oral dos colaboradores que, como elementos principais, são capazes de proporcionar as interpretações dos sentidos e valores explicitados pelos docentes através da palavra, coletadas por meio da entrevista e de um processo empático de escuta.

2 A metodologia da Entrevista Compreensiva: aproximações com o pensamento complexo

Estruturar nossas reflexões no campo da Educação implica saber *a priori*, que se trata de uma Área que congrega diferentes saberes, o que, por conseguinte, implica uma abordagem sobre a Ciência da complexidade a qual demanda a necessidade de adoção de olhares distintos das diversas áreas do conhecimento, com a finalidade de uma melhor compreensão da realidade que envolve o objeto de estudo.

Nessa direção, a Entrevista Compreensiva assume a condição de não apenas subsidiar elementos para analisar, mas também de compreender os fenômenos. Durante todo o processo, a relação entre sujeito e objeto requer o reconhecimento de interações que emergem no percurso de construção do conhecimento, o que por sua vez pode ocorrer, à medida que nos propomos a aprofundar a análise por meio do diálogo consoante com os sujeitos/atores/autores.



Como abordagem metodológica, a Entrevista Compreensiva fundamenta-se na análise compreensiva da fala. Desenvolvida pelo sociólogo francês Jean-Claude Kaufmann (KAUFMANN, 2013), propõe um processo inverso nos modos de construção do objeto de estudo. A investigação, conforme esta proposta metodológica, apoia-se na linha weberiana, em que a explicação sociológica, busca a compreensão do sentido da ação humana.

O campo de investigação instiga a reflexão sobre si no pesquisado, provocando uma autoexplicação sobre si mesmo e sobre o contexto no qual está inserido. Nesta proposta metodológica, o campo não é abordado como instância de verificação da teoria, torna-se o lócus de origem da teoria, que surge a partir do processo reflexivo do entrevistado, estimulado pelo pesquisador, pois entendemos que “são nas situações de maior intensidade, mas notadamente de maior naturalidade, na interação em campo, que se revelam as camadas mais profundas de verdade”. (KAUFMANN, 2013 p.16).

Nestes termos advogamos que os homens são depositários de um saber essencial capaz de ser captado pelo pesquisador através da mediação de valores dos indivíduos. Compreender, nesta perspectiva, significa colocar-se mentalmente no lugar que o entrevistado ocupa no espaço social, considerando condicionantes psíquicos e sociais dos quais ele é produto, e que estão diretamente associados à sua posição e a sua trajetória particular neste espaço. Pretendemos “entrar na singularidade da história de uma vida e tentar compreender ao mesmo tempo na sua unicidade e generalidade os dramas de uma existência.” (BOURDIEU, 1997, p. 701).

Nossa intenção no percurso da pesquisa foi identificar, compreender e explicar o sentido que os docentes atribuem às suas ações e descobrir os motivos pelos quais eles as executam em determinados momentos e contextos. Nesta análise consideramos que “o indivíduo não é senão o entrecruzamento necessário, porém variável, de um conjunto de relações” (AUGÉ, 1999, p 27). Então a ideia de que o indivíduo só adquire sentido mediante os relacionamentos que o rodeiam, implica dizer que o indivíduo não é nada sem o social e, ao mesmo tempo, o social não pode existir sem o indivíduo.

No decorrer das entrevistas, análise das falas e escrita das produções teóricas, nosso desafio foi nos deixar guiar pelos sentidos dados pelos docentes sobre a



articulação ensino e pesquisa para identificar suas concepções e compreender a ação procurando entendê-la como uma ação social, dotada de sentido.

No contexto de nossa investigação, a palavra, como conjunto de ideias que expressam a valoração dos homens, contém em si a referência de/para análise, percepção e desvelamento do imaginário social, de conhecimentos e de saberes significativos à prática docente.

Tendo a palavra como referente, e como elemento basilar de análise, a “escuta sensível” (BARBIER, 1998), a partir da constituição de uma rede de singularidades, conduz o pesquisador em um movimento de construção, desconstrução e reconstrução do objeto de pesquisa para assim construir sua própria teoria.

Nessa convergência, os núcleos de significados manifestados por meio da escuta das falas constituem-se como um sistema de referência das necessidades conscientes e inconscientes, e funcionam como um fio norteador das proposições e hipóteses surgidas no lócus da pesquisa.

De acordo com Silva (2002, p.1), a Entrevista Compreensiva constitui-se como uma “metodologia que se organiza por meio da palavra percebida como ato concreto do sujeito, como guia da realidade social, como meio de expressão da cultura”. Os dados expressos nas falas são referenciais para hipóteses e conceitos constituintes das construções teóricas. Assim, procuramos ficar atentos e abertos para sentidos e significados presentes nas entrelinhas dos discursos dos docentes, pois entendemos que a fala do outro se constitui como um elemento de mediação importante entre o indivíduo e a realidade social.

Entendemos como grande desafio no percurso da pesquisa a possibilidade e a dificuldade de pensar de forma complexa, em síntese, de compreender o complexo no contexto de investigação. Entendemos que esta dificuldade está diretamente relacionada com o nosso modelo de formação que separa, fragmenta a realidade a ser compreendida. Neste sentido, Morin (1997) explica:

Então por que estamos desarmados perante a complexidade? Por que nossa educação nos ensinou a separar e a isolar as coisas. Separamos os objetos de seus contextos, separamos a realidade em disciplinas compartimentadas umas das outras. Mas, como a realidade é feita de laços e interações, nosso conhecimento é incapaz de perceber o



complexus – o tecido que junta o todo. Ao mesmo tempo, nosso sistema de educação nos ensinou a saber as coisas deterministas que obedecem a uma lógica mecânica; coisas das quais podemos falar com muita clareza e que permitem, evidentemente, a previsão e a predição. (1997b, p.15)

Assim, o conhecimento simplificador permeou todo nosso processo de formação em nome da formalização e da quantificação. A reforma do pensamento passa a ser ponto de partida e de chegada de forma pertinente e complexa, necessária às exigências de uma nova civilização planetária.

3 Conceitos estruturais da Entrevista Compreensiva

Nessa opção metodológica o produto do trabalho deve advir de uma leitura e busca incessante pelo saber, o que, como sugere Kaufmann (2013, p. 66), trata-se “da fome violenta do saber diante de novas hipóteses, excitantes, mas pouco elaboradas”. Nesses termos, faz referência também à preparação para encontrarmos novas e surpreendentes hipóteses, com as confissões mais duras, que possivelmente estarão nas entrelinhas, sabendo-se ainda que cada tipo de conteúdo coloca problemas específicos. Assim, concebida, a própria metodologia aponta para necessidade de estudo consistente para entendimento e fundamentação em termos dos pressupostos da abordagem destacando-se: a Multirreferencialidade, a “Escuta sensível”, o “Artesanato Intelectual”.

Entendemos que a segurança na análise dos dados da pesquisa advém de um processo de maturidade e compreensão acerca das articulações entre objeto de pesquisa, fundamentações teóricas do pesquisador, pressupostos teórico-metodológicos e dispositivos de coleta de dados, associados ao desaparego de certezas postas *a priori*. Na sequência, apresentamos uma síntese dos principais aspectos que consideramos fundamentar a proposta metodológica da entrevista compreensiva.

3.1 Multirreferencialidade

O mundo pós-moderno se encontra marcado ideologicamente e politicamente como um mundo sem estabilidade, em que o conhecimento muda constantemente, e que formas emergentes de abordar a realidade marcam o seu caráter complexo. Esse fato



desencadeia a necessidade de instaurar novas formas de apreender a realidade, exigindo o estabelecimento de uma nova leitura ou releitura dos conceitos implícitos na construção científica deste real. Para tanto, a noção de multirreferencialidade surge como um conceito capaz de estabelecer uma nova leitura da realidade.

Nosso ponto de partida é a ideia de que a prática docente exige a coexistência de múltiplas referências teóricas para a compreensão do fenômeno educacional. E neste sentido, para melhor compreensão dos fenômenos relacionados à pesquisa e ao ensino na prática docente e da complexidade dos fatos educativos têm-se como exigência uma leitura plural, sob diferentes ângulos, e um pesquisador com a capacidade de ter uma postura aberta para a análise multirreferencial das situações.

A abordagem multirreferencial assenta-se na complexidade dos fenômenos tendo como pressuposto a pluralidade e a heterogeneidade na explicitação dos fenômenos humanos. A perspectiva multirreferencial enquanto ciência que estuda os fenômenos sociais e educativos propõe uma forma diferente para abordar o sujeito (pesquisador), o objeto de estudo, o método de pesquisa e outras questões. Essa forma diferente entendemos como um novo “olhar” sobre o ser humano e sobre a realidade em Ardoino (1998) explica:

Assumimos plenamente a hipótese da complexidade, até mesmo da hipercomplexidade, da realidade a respeito da qual nos questionamos, a abordagem multirreferencial propõe-se a uma leitura plural de seus objetos (práticos ou teóricos), sob diferentes pontos de vistas, que implicam tanto visões específicas quanto linguagens apropriadas às descrições exigidas, em função de sistemas de referências distintos, considerados, reconhecidos explicitamente como não-redutíveis uns aos outros, ou seja, heterogêneos. (ARDOINO, 1998, p. 24)

Ao considerarmos os espaços educativos em sua complexidade e propormos uma reflexão sobre a prática a partir da perspectiva multirreferencial não tínhamos a intenção de integrar conhecimentos, de propor complementaridade ou aditividade, entre os campos diversos, mas, o que buscávamos era redimensionar os olhares acerca do fenômeno no contexto da pesquisa.

Esse redimensionamento implica afirmar a impossibilidade de um único ponto de vista que abarque todos os demais, pois, conforme Martins (1998, p. 23), “o



conhecimento oriundo da análise multirreferencial é **“tecido” (bricolado)**: ele se estabelece a partir da convergência, ou melhor, da convivência, do diálogo, trans, pluri, interdisciplinarmente”.

A compreensão, portanto, da articulação ensino e pesquisa nos processos educativos desenvolvidos nas licenciaturas do IFPI necessariamente passa pela conjugação de várias disciplinas, de diferentes olhares voltados para analisar os condicionantes do contexto. Assim, a noção de complexidade é referencial. Direciona para um caminho metodológico que nos conduz à reforma do pensamento como possibilidade de ressignificação do pensar e fazer a pesquisa. Nesta perspectiva, apoiamo-nos em Ardoino (1998) e Morin (1996) em defesa da ideia de que a complexidade não se encontra ancorada no método, mas sim no olhar do pesquisador sobre o objeto de pesquisa.

Nessa perspectiva, comporta considerar o pensamento complexo de Morin (1996, p. 274):

Designamos algo que, não podendo realmente explicar, vamos chamar de “complexo”. Por isso que existe um: pensamento complexo, este não será um pensamento capaz de abrir todas as portas [...] mas um pensamento onde estará sempre presente a dificuldade.

Entender a educação como fenômeno complexo, no âmbito da abordagem multirreferencial, implica reconhecer a função global da educação, que envolve as diversas ciências que estudam o homem e a sociedade. Ao contrário das abordagens relacionadas ao racionalismo cartesiano ou ao positivismo, que recortam, decompõem o real, simplificando-o, para a postura multirreferencial “nenhuma redução é legítima” (ARDOINO, 1998, p.8).

Os sujeitos do processo educativo, na consideração de sua humanidade, são determinados por fatores sociais, econômicos, políticos, psíquicos, aspectos que os caracterizam por sua vez como seres complexos. Nesta consideração, a Educação e as Ciências que estudam o homem e a sociedade em sua complexidade e dinamismo, nos impõem uma postura epistemológica que reconheça “o caráter ‘molar’, holístico, da realidade estudada e a impossibilidade de sua redução por recorte, por decomposição em elementos mais simples” (ARDOINO, 1998, p.8).



3.2 Escuta Sensível

A escuta sensível, de acordo com Barbier (1998, p. 2) ancora-se no pressuposto elementar de sua proposição, em “um movimento de “escutar-ver”, que tem seu fundamento na empatia. Supõe uma inversão da atenção, em que antes de situar uma pessoa em seu lugar deve-se começar por reconhecê-la em seu ser, em sua qualidade de pessoa complexa”. Fundamentada na abordagem rogeriana¹, a escuta sensível reconhece a aceitação incondicional do outro, com seus defeitos e qualidades, complexidade e simplicidade.

O direcionamento da ação investigativa deve levar para a percepção do universo afetivo, imaginário e cognitivo do outro, para compreender as atitudes, os comportamentos, os sistemas de ideias, de valores, de símbolos, de mitos. Compreender por empatia significa perceber e entender a existencialidade interna do sujeito (BARBIER, 1998, 2007). Torna-se elementar, portanto, uma aceitação incondicional do outro, sem julgar, medir, comparar ou interpretar.

O ouvir é momento potencial orientador das interpretações. Sobre este aspecto, Barbier (2007, p. 97) explica que “[...] proposições interpretativas poderão ser feitas com prudência”. Ao pesquisador ao interpretar os significados sugeridos à fala do outro (que se encontra impregnada de subjetividades, segundo suas vivências e conhecimentos), cabe a consciência do que está fazendo, e permitir ter como fio condutor a intencionalidade da pesquisa, comprometendo-se de forma ética e política com a práxis científica. Assim, o desafio aqui proposto ao pesquisador é a tarefa de compreender o outro, respeitando o seu contexto, e não sobre nossas interpretações.

Pontuamos, por conseguinte, que ao pesquisador cabe o direito de discordar, entretanto, o mais importante será exercer a capacidade de respeitar a opinião diversa da sua e o pensamento contrário ao seu. Requer, desse modo, considerar a escuta sensível,

¹ A abordagem defendida pelo psicólogo americano Carl Rogers em que a relação empática é definida como capacidade para entender as percepções e os sentimentos de uma outra pessoa. Significa penetrar no mundo perceptual do outro e sentir-se totalmente à vontade dentro dele. Requer sensibilidade constante para com as mudanças que se verificam nesta pessoa em relação aos significados que ela percebe, ao medo, à raiva, à ternura, à confusão ou ao que quer que ele/ela esteja vivenciando.



no que diz respeito à impossibilidade de ignorar a relevância e a influência que tem o contexto social na constituição humana. Ela pede a compreensão do sujeito como um ser completo e complexo, requerendo um tratamento holístico que implica uma relação de totalidade com o outro. Assim, compreender o outro implica conhecer os elementos que fazem parte do contexto do sujeito.

Nesse processo de escuta, mesmo a atenção estando voltada para a palavra, cabe ao pesquisador atentar que nem sempre as palavras transmitem toda a mensagem, é importante buscar no silêncio o que não foi pronunciado oralmente. A esse respeito, é como diz Barbier (2007, p. 141):

É indispensável lembrar que o homem permanecerá, para sempre, um ser dividido entre o silêncio e a palavra, e que somente a escuta do pesquisador poderá penetrar e captar os significados do não-dito. A pessoa que se dispõe a escutar não basta que tenha ouvidos, é necessário que ela realmente silencie sua alma. Silencie para perceber aquilo que não foi dito com palavras, mas que talvez tenha sido expresso em gestos, ou de outra forma.

Assim, fica explícita a necessidade da consciência do pesquisador sobre seus próprios fundamentos, de abertura e disposição para ouvir, de compreender o outro a partir do olhar e lógica de quem fala e não de quem escuta. Esta disponibilidade exige concentração para uma escuta consciente, como refere Freire (2001), o que implica respeito e tolerância e se constitui como condição inicial para o diálogo.

3.3 Artesanato Intelectual

O termo e o pressuposto de pesquisa do artesanato intelectual, discutido por Wright Mills (1986), configura-se como um debate sobre a relação teoria e método imerso numa dimensão social. “O artesão intelectual é aquele que sabe dominar e personalizar os instrumentos que são o método e a teoria, num projeto concreto de pesquisa”. (KAUFMANN, 2013, p.33). A ideia é que o pesquisador deve saber usar sua experiência de vida em suas construções intelectuais. Compreendemos que este artesanato realiza-se dentro de cada um, a partir das influências das experiências.



Na proposição de Mills (1986), o artesão intelectual é visto como um “tipo ideal”, cuja concepção se aproxima ao sentido weberiano do termo, isto é, significa conceber o trabalho de pesquisa como um ofício. Assim, pressupõe ressaltar a importância da dimensão existencial na formação do pesquisador, ou seja, prover a indissociabilidade entre a vida e o trabalho do artesão intelectual. Desse modo, defender que a vida e o trabalho são inseparáveis, na perspectiva de artesão assume que a representação sociológica permeia sua forma de viver e ver o mundo e que “deve aprender a usar a experiência de sua vida no seu trabalho continuamente” (MILLS, 1986, p. 212). O sentido de experiência aqui é entendido como a influência do passado que afeta seu presente podendo definir sua experiência futura.

4 Conclusões

A opção por uma metodologia de pesquisa fundamentada em um paradigma que permite e direciona para observação do fenômeno a partir de diferentes ângulos e olhares rompe com a lógica do pensamento simplificador, que recorta, fragmenta e isola os fenômenos da realidade.

Uma metodologia de pesquisa como a Entrevista Compreensiva, envolvida por conceitos fundamentados em abordagens como a Teoria da Complexidade requer do pesquisador abertura rumo a novos processos de aprendizagens, organizados de forma a não-linear e disciplinar. Implicam mudanças na forma de olhar e pensar a realidade, capazes de apreender a complexidade dos fenômenos e objetos observados.

Essas considerações nos levam a concluir que a reforma do pensamento é algo urgente que demanda novas ferramentas conceituais e metodológicas, e no caso da investigação científica implica numa atitude de constante reflexão e autonomia por parte do pesquisador em busca de explicações que considere os diferentes olhares sobre o homem, sobre a realidade, considerando as múltiplas interpretações para compreendê-los em todas as suas dimensões.

Referências

AUGÉ, Marc. **O sentido dos outros**: atualidades da antropologia. Petrópolis: Vozes, 1999.



ARDOINO, Jacques. Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas. In: BARBOSA, Joaquim Gonçalves (Coord.). **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. São Carlos: Editora da UFSCar, 1998. p. 24-41

BARBIER, René. A escuta sensível na abordagem transversal. In: BARBOSA, Joaquim Gonçalves, (coord.). **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. São Carlos: EduUFCar, 1998.

BARBIER, Renée. **A pesquisa-ção**. Brasília: Liber, 2007

BOURDIEU, Pierre. Compreender. **A miséria do mundo**. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1982.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

KAUFMANN, Jean-Claude. **A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo**. Petrópolis, RJ: Vozes; Maceió, AL: Edufal, 2013.

MARTINS, João Batista. Multirreferencialidade e educação. In: BARBOSA, Joaquim Gonçalves (Org.). **Reflexões em torno da abordagem multirreferencial**. São Carlos: EduUFCar, 1998.

MORIN, Edgar. **Epistemologia da complexidade: novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996

_____. Complexidade e ética da solidariedade. In: CASTRO, Gustavo de et al (Orgs.). **Ensaio de complexidade**. Porto Alegre: Sulina, 1997.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez. Brasília, DF: UNESCO, 2001.

_____. A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

MILLS, C. Wright. **A Imaginação sociológica**. 6.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

SILVA, Rosália de Fátima e Silva. **Compreender a “entrevista compreensiva”**. Revista Educação em Questão, vol.26, nº 12. Natal, p.31-50, maio/ago., 2006.

_____. **A entrevista compreensiva - Texto para discussão no curso de Pós-Graduação em Educação**. DEPED, UFRN, 2002.